



USO DE CONCESSIVAS EM CONTEXTOS JORNALÍSTICOS: UMA ANÁLISE COGNITIVO-FUNCIONAL

Maria Alice Linhares Costa

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)

Endereço Eletrônico: m.alicelinhares@hotmail.com

Valéria Viana Sousa

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)

Endereço Eletrônico: valerianivasousa@gmail.com

2954

INTRODUÇÃO

Este trabalho é um recorte de uma pesquisa de doutorado em andamento acerca das construções concessivas [X que Y], embasado pela Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), nos termos de Rosário e Oliveira (2016). Essa perspectiva teórica, ao contemplar pressupostos do Funcionalismo e da Linguística Cognitiva, em especial da Gramática de Construções (CROFT, 2001; GOLDBERG, 2006), assume que a língua é formada por construções gramaticais, isto é, pareamentos de forma e sentido. Isso significa dizer que os vários tipos de conhecimentos linguísticos podem ser expressos em um mesmo pareamento construcional. Vejamos o exemplo a seguir:

(1) *"Falei com Angela Merkel e a Alemanha não vai cumprir o acordo no tocante a energias fósseis. O que cada brasileiro bota para fora de gás carbônico, o alemão é quatro vezes mais", disse.*

*"A nossa (meta), né? A gente não tem como cumprir, **nem que** pegue aqui agora 100 mil homens no campo e comece a reflorestar a partir de agora, até 2030 não vai atingir essa meta", emendou. (Corpus do Português. Terra. 19-06-29- BR)*

O fragmento do trecho em (1) pertence a uma notícia veiculada sobre a postura do presidente Jair Bolsonaro sobre o Acordo de Paris em 2019. No enxerto, o chefe do Estado brasileiro afirma não ter condições de cumprir a meta e, como estratégia argumentativa, sinaliza que não importam os esforços (*nem que pegue aqui agora 100 mil homens no campo e comece a reflorestar a partir de agora*), pois tal meta não será atingida. Assim, a expressão *nem que*, ao quebrar a expectativa lógica do nosso conhecimento de mundo (o trabalho de 100 mil homens por 11 anos deveria ser suficiente), acaba por asseverar seu ponto de vista. A partir disso, podemos afirmar que



a forma *X que nem Y* pode, em determinados contextos, funcionar como um reforço argumentativo.

Exemplo como esse nos leva a compreender a língua como um sistema adaptativo complexo (BYBEE, 2010) formado e modificado não apenas por pressões linguísticas, mas também por pressões cognitivas e de uso. Em outras palavras, para a LFCU, a língua apresenta padrões mais estáveis e coexistem com padrões emergentes, caracterizando a dinamicidade desse sistema. É na experiência de uso e nos processos cognitivos que, muitas vezes, encontramos as motivações para as mudanças linguísticas, uma vez que, devido às necessidades comunicativas e/ou cognitivas, os usuários da língua recorrem a estruturas já disponíveis no sistema e atribuem-lhes novas funções. Afinal, a gramática é uma conceptualização do mundo na mente dos falantes. O conhecimento linguístico é formado a partir das experiências do indivíduo orientado pelos processos cognitivos (CROFT; CRUSE, 2004).

No que diz respeito aos padrões concessivos, Bechara (1954) afirma que o pensamento concessivo é um fenômeno cognitivamente complexo e que surge tardiamente a partir do processo de intersubjetividade. A partir da experiência em ambientes onde nem sempre há consenso e da atuação de processos cognitivos, como a inferência, os falantes passaram a pressupor a objeção do seu interlocutor. A fim de antecipá-las e refutá-las, passaram a usar construções como *nem que*, *ainda que* e *mesmo que* com valor concessivo. Assim, autores como Rosário (2012) afirmam que a construção concessiva contém uma cláusula concessiva que apresenta um fato (real ou suposto) contrário à realização da informação expressa na base, que não impede ou modifica a sua realização, ao contrário, lhe assevera, como ocorreu no exemplo (1).

Motivadas pela complexidade cognitiva das construções concessivas, objetivamos analisar o funcionamento dessas construções em contextos jornalísticos diversos. Para tanto, partimos de duas premissas principais, a saber: (i) as concessivas aparecem em contextos de alta argumentatividade, em especial nas relações simétricas, em que os argumentos contrários tendem a ser atenuados; (ii) construções concessivas são altamente intersubjetivas.

Tal estudo se justifica por duas grandes razões: (i) a escola, ainda hoje, não contempla o real funcionamento da língua, mas se mantém ligada às atividades metalinguísticas; (ii) além de contrastar, essas construções também podem funcionar como reforço argumentativo ao asseverar, através da intersubjetividade e do processo inferencial, o ponto de vista do falante, assim em contextos em que se posicionar de



forma contrária, crítica e/ou questionadora ao pensamento da maioria dominante é desafiador, tais construções se apresentam como uma estratégia argumentativa que tende a se tornar cada vez mais recorrente.

METODOLOGIA

Uma vez que o objetivo deste trabalho é analisar os usos das concessivas em contextos jornalísticos a partir de uma perspectiva sincrônica, buscando compreender quais estratégias os falantes têm usado para se posicionar em relação a assuntos tomados como polêmicos, constituímos um *corpus* com amostras de textos escritos no século XXI no âmbito jornalístico. Tal análise se constitui sincrônica, porque acreditamos que essa perspectiva “reflete, sim, a dinamicidade da língua [...] uma vez que formas e funções velhas e novas podem coexistir” (MARTINS DALL’ORTO, 2018, p. 112).

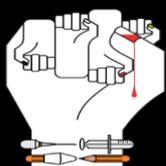
Atendendo ao princípio funcionalista de que o *locus* da mudança é o uso, buscamos nossos dados em contextos reais de língua. Para a coleta dos dados, utilizamos o banco de dados *Corpus do Português: Now*¹. Para esse recorte, foram considerados usos das construções *nem que*, *ainda que* e *mesmo que* em gêneros jornalísticos nacionais e com temática voltada para assuntos políticos e sociais.

Metodologicamente, a pesquisa em andamento é desenvolvida a partir do Método Misto, proposto por Cunha Lacerda (2016), que busca o equacionamento entre as análises qualitativas e as quantitativas na investigação dos processos de mudança linguística em uma abordagem construcional. Entretanto, para a atender ao objetivo deste trabalho, contemplamos apenas a análise qualitativa dessas ocorrências.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados e discussões apresentados nesta seção são parciais, mas já confirmam a complexidade cognitiva das construções concessivas. Segundo sinaliza Rosário (2012, p.26), o pensamento cognitivo implica/necessita a ocorrência do processo inferencial no jogo argumentativo, revelando “[...] a busca pelo equilíbrio de um jogo de forças, instaurado de forma marcadamente argumentativa.”. Para entender melhor, observemos o exemplo (2):

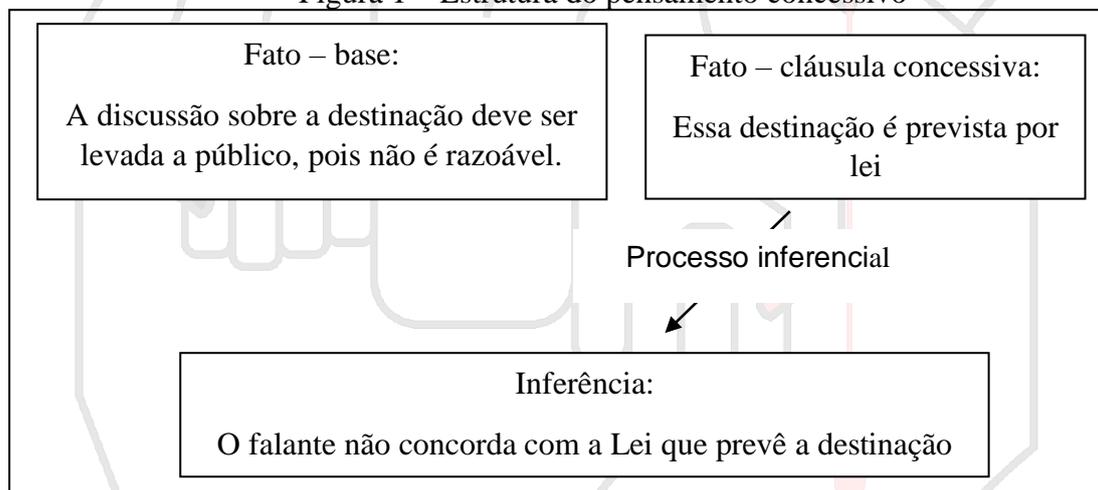
¹ O site *Corpus do Português: Now* pode ser acessado no endereço: <https://www.corpusdoportugues.org/now/>.



(2) *Como justificar a destinação copiosa de efetivo militar para evento particular quando em inúmeros bairros não há policiais suficientes para atender a um único chamado? Esta, a meu ver, é a discussão que se deve levar ao debate público, pois, **ainda que** prevista legalmente, não aparenta razoabilidade!* (Corpus do Português).

O fragmento expresso em (2) aborda a tragédia que ocorreu no jogo Vasco x Atlético/PR, em 2014, sendo que o locutor questiona a responsabilidade da PM sobre a segurança dos torcedores. No trecho, ele se posiciona em relação à destinação dos servidores públicos – policiais militares – aos eventos particulares. Consciente de que se trata de um assunto “delicado”, o seu posicionamento crítico aparece esmaecido por meio da concessiva. Vejamos:

Figura 1 – Estrutura do pensamento concessivo

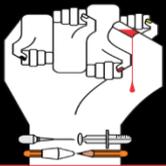


Fonte: autoria própria a partir de Rosário (2012).

O falante não expressa explicitamente o seu ponto de vista contrário à lei, mas, por meio da ressalva encabeçada pela construção *ainda que*, ele faz um convite ao interlocutor que, em um processo inferencial, chega à tal conclusão. Dessa forma, a construção concessiva funciona como uma estratégia de proteção da face e polidez. Isso significa que, em circunstâncias embaraçosas, como em (2), as construções concessivas podem servir de estratégia argumentativa.

CONCLUSÕES

O que nossos resultados parciais demonstram é que as construções concessivas [X que Y], em que X pode ser preenchido por *nem*, *ainda* e *mesmo*, podem funcionar em determinadas situações comunicativas como estratégias argumentativas ora de



reforço do argumento, ora como proteção da face, principalmente em ambientes de alta argumentatividade, como os jornalísticos. Em sendo um reforço argumentativo, as construções mantêm a relação contrastiva, mas o fato (real ou suposto) expresso na cláusula concessiva não tem força para modificar ou impedir o fato da base; ao contrário, não negando-o, acaba por asseverá-lo. Assim, nessas situações, observamos que o falante recorre a essas expressões para antecipar as objeções dos seus interlocutores, enfraquecendo a contra-argumentação. Quando usadas como estratégia de polidez ou proteção de face, essas construções parecem ser recorrentes em ambientes em que se deve manter a impessoalidade ou por questões de hierarquia ou, ainda, evasão de confronto.

2958

PALAVRAS-CHAVE: Hipotaxe adverbial. Concessividade. Estratégias discursivo-pragmáticas. Contextos jornalísticos.

REFERÊNCIAS

BECHARA, E. *Estudos sobre os meios de expressão do pensamento concessivo em português*. Tese de Cátedra. Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, 1954.

BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CROFT, W. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CROFT, W.; CRUISE, A. *Cognitive linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

GOLDBERG, A. E. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

MARTINS DALL'ORTO, L. F. *Construções avaliativas com super, mega, hiper e ultra na língua portuguesa - uma proposta de rede construcional a partir da Linguística Funcional Centrada no Uso*. 2018. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018.

ROSÁRIO, I. C. *Expressão da concessividade em construções do português do Brasil*. Tese (Doutorado em Línguas Vernáculas) – Departamento de Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

ROSÁRIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa, Revista de Linguística*, v. 60, n. 2, p. 233-259, 2016.